

QUEM MATOU JAMES ELLARO?



James, de goleiro magricela a centroavante acima do peso, ao lado de sua esposa e neta, no avião a caminho de Maceió. Retrato de um tempo em que o povo teve acesso à dignidade.

Alex Franco

[Artista gráfico e colaborador do grupo Multiplicadores de Visat]

Em meados de 2020, a pandemia corria solta no Brasil e no mundo.

No início de junho enviei mensagem a um amigo:

• SEGUNDA FEIRA, 1 DE JUNHO DE 2020

Eu – *Oi James, tudo bem com você? Anda Sumido.*

• QUARTA FEIRA, 3 DE JUNHO DE 2020

Do celular do James – *Boa noite Alex, sou a esposa do James. (arrepio na espinha)... O James está internado no HC. O estado dele é muito grave. (arrepio por todo o corpo)...*

Eu, tentando manter o equilíbrio – *Nossa Lena, o que aconteceu?*

Ela – *Hoje os médicos falaram que os rins estão parando, o coração está fraco e a pressão está caindo.*

Eu, já chorando por trás do aplicativo – *putz, que triste! É covid?*

Ela – *Sim, covid-19, ele está entubado desde a madrugada de domingo pra segunda.*

Eu, em pensamento – *01/06, maldita intuição.*

• QUINTA FEIRA, 4 DE JUNHO DE 2020

Por mensagem de áudio Lena me informa chorando, a morte do marido.

.....

James foi minha primeira baixa na pandemia, outras viriam. Que merda! Na década de 1960 morávamos na mesma rua, embora não fossemos exatamente amigos, nos víamos constantemente. Eu passava em frente à casa dele todos os dias a caminho da escola e, vez por outra, nos estranhávamos – coisas de criança –. O tempo passou e em 1975 surgiu o glorioso *Ipiranga Futebol de Salão*, time que formei com amigos e primos. Como todo time começa com um bom goleiro, recorremos ao James, alto, magro e suficientemente louco para assumir a ingrata missão de ser culpado pelas derrotas e esquecido nas vitórias, rsssss.

A partir daí a amizade se fortaleceu pois, no mínimo uma vez por semana, nos fantasiávamos de atletas e, de ônibus, de trem ou de carona com os pais, partíamos para as contendidas futebolísticas São Paulo a fora.

Vitórias e derrotas se sucederam anos a fio enquanto todos nós mudávamos juntamente com o Brasil. James nem sempre foi figura constante no time, às vezes sumia por uns tempos retornando em outros períodos.

.....

Nas últimas vezes que jogamos juntos “oficialmente”, ele já atuava na linha, tinha engordado um monte e fazia uma parede perfeita no ataque, segurando a bola até a chegada dos alas. Em dado momento o time se desfez pois, além da vida de cada um tomar rumos diferentes, a idade começou a pesar em nosso desempenho. Não demorou muito e o vício falou mais alto.

A turma se juntou novamente, dessa vez apenas para peladas entre amigos, sem “jogo contra”, optamos por doses controladas de adrenalina.

Foi neste período que, já maduros, eu e James estreitamos nossa amizade, muito por conta da afinidade política. Nossas conversas pós jogo onde eu bebia cerveja e ele, abstêmio, bebia apenas água ou refrigerante, em geral terminavam em impressões sobre a situação política. Fomos da euforia pela primeira eleição do Lula, passando pela necessária crítica aos governos petistas até a catastrófica situação dos últimos anos.

Desde a “farsa a jato” fomos resistência democrática contra os abusos que se agigantavam, fazíamos o possível para resistir ao retrocesso cada vez mais presente, tínhamos consciência de estar do lado certo da história.

Lembro-me especialmente de quando a reportagem do *Intercept* desmascarou Moro e Dalagnol. Vibramos intensamente e, juntamente com outros colegas à esquerda, esfregamos na cara dos reações via whatsapp (sim, sempre há um grupo de zap) que nós estávamos certos desde sempre.

Esta foi uma de nossas pequenas alegrias em meio a inúmeras derrotas. Alegria insuficiente pois nem isso conseguiu demover milhares de pessoas de continuarem a apoiar o criminoso que nos preside.

O que eu não contava era que justamente esse monstro iria, literalmente, assassinar meu amigo. Ao negar a gravidade da pandemia desde a primeira hora, Bolsonaro foi sim responsável direto pela morte de James.

Foi ele quem impediu o isolamento sanitário que, na pior das hipóteses, retardaria a circulação do vírus enfraquecendo-o. Foi ele quem estimulou que todos levassem uma vida normal dizendo que “a gripezinha” poderia ser curada com um remédio para a malária, foi ele quem se posicionou ao lado dos patrões pela manutenção do trabalho formal e riu das mortes dizendo que não poderia fazer nada já que não era cozeiro.

Foi ele quem impediu meu amigo de desfrutar da aposentadoria sempre adiada pelas intervenções das classes dominantes. Depois de aposentado, James sonhava mudar-se com Lena para a terra natal dela, Maceió.

Porém, como milhares de outros brasileiros, teve seu sonho violenta e covardemente interrompido. James morreu no mesmo hospital público em que sua esposa seguiu lutando contra o covid e onde segue ainda hoje, como profissional da saúde pública, lutando pela vida de todos nós.

Eu sigo resistindo, tentando me convencer de que a morte do meu amigo não terá sido em vão. Será? Dedico este texto a outros amigos do James, amigos de um grupo do futebol separados dos demais por afinidade humanística, amigos que seguem resistindo ao inominável. Alberto, André, Carioca, Hilton e Rogério, estamos juntos. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.